

# A cidade: um ponto de partida para a habitação

Maria del Pilar Pérez Piñeyro

tradução  
Diego Wisnivesky e  
Flávio Arancibia Coddou

A autora agradece às seguintes pessoas pela colaboração através de entrevistas, depoimentos e opiniões: arq. Teresa Buroni – Setor Habitação do Centro Cooperativista Uruguaio; arq. Noemi Alonso – Serviço de Habitação. Prefeitura Municipal de Montevideo; arq. Gonzalo Murel – Assessor Local do Serviço Integral à Habitação da Divisão Nacional de Habitação do Ministério de Habitação,

Regulamentação Territorial e Meio Ambiente; arq. Hugo Gilmet – Unidade Central de Planejamento. Assessor; arq. Nelson Inda, Unidade Central de Planejamento, Diretor Divisão Planejamento Territorial; arq. Cecilia Lombardo e Laura Mazzini – Grupo de Estu-

dos Urbanos. Programa Casa Verde; arq. Charna Furman – Assessora Técnica. Programa Mujefa; arq. Raul Valles – Hacer Desur. Insituto Técnico; arq. Margarita Percovich – Presidenta Junta Departamental de Montevideo. Agradecimento especial aos arqs. Marta Cecilio, Jack Couriel e Mario Spallanzani – Grupo Habitat Instituto Técnico (Ex-integrantes do Setor Habitação do CCU) pelo acesso aos seus arquivos gráficos e bibliográficos, sem os quais não teria sido possível completar este artigo.

Maria del Pilar Pérez Piñeyro é escritora e jornalista especializada em temas urbanos, com cursos realizados na Faculdade de Arquitetura do Uruguai. É membro fundadora do Grupo de Estudos Urbanos – GEU desde 1980 e ex-integrante do Setor Habitação do CCU (1980-1985). Participou nas elaborações do **Guia da Cidade Velha de Montevideo** (1982) e na

pesquisa **Propuesta de rehabilitación de antiguas viviendas en la Ciudad Vieja de Montevideo, destinada a la población de bajos recursos allí afincada** (1983). Atualmente é editora de *América Latina, la Ciudadana*, boletim de notícias trimestral sobre a Conferência Habitat II sob ótica latino-americana, e modera uma Conferência Eletrônica sobre a mesma temática. Além de colunista da revista *Tres*, de Montevideo, colabora com diversas publicações latino-americanas.



# Uma visão a partir da experiência cooperativa em Montevideo, Uruguai

**A política social na cidade é uma política de fazer cidade e não de fazer assistência**  
Jordi Borja

**Quando na moradia são marginalizados os aspectos arquitetônicos e urbanísticos, o custo econômico inicial pode ser menor, porém o custo social a longo prazo pode ser terrível**  
Jack Couriel

## Notas

Jordi Borja é o urbanista catalão responsável pela implementação do processo de Descentralização na cidade de Barcelona nos fins da década de 80

Jack Couriel é arquiteto nascido em Juan Lacaze (Depto.Colonia, Uruguay). Desde 1970 é vinculado à problemática da habitação de interesse social em Montevideo

1

Terceira Conferência (realizada de 5 a 16 de fevereiro de 1996). Preparatória da definitiva Conferência das Nações Unidas sobre os Assentamentos Humanos que será realizado em Istambul, na Turquia, de 3 a 14 de junho de 1996 (Habitat II)

Concebida como um projeto de integração social, a cidade como resultado exponencial da modernidade mantém nos anos contemporâneos pós-modernos sua vigência e ainda sua dívida pendente como projeto. Se a proposta dos séculos XVII e XVIII consistiu em racionalizar a cidade pensando-a como obra de arte, como artefato, com Ledoux, a habitação passa a ser objeto da disciplina arquitetônica. Durante o século XIX, com a emergência das utopias sociais, o projeto moderno conforma a plataforma que a vanguarda do Movimento Moderno continuará alimentando, fazendo da moradia de interesse social uma de suas principais premissas.

Em um mundo em crescente processo de urbanização, no qual se prevê para o fim do milênio mais da metade da população mundial morando nas cidades, a moradia para os setores de baixa renda continua constituindo um dos desafios cruciais para as políticas sociais dos Estados e dos governos das cidades. A degradação do espaço público e as insuficientes infra-estruturas urbanas capazes de difundir os serviços básicos requeridos, confirmam o chamado processo crescente da urbanização da pobreza e da segregação dos cidadãos assentados.

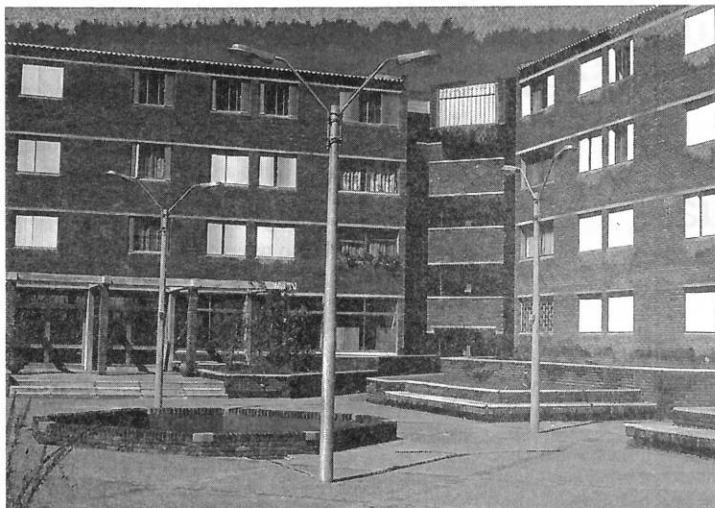
O debate na Terceira Conferência Preparatória do Habitat II, realizada recentemente em Nova York<sup>1</sup>, centralizou suas diferenças de opinião em torno do reconhecimento do direito humano a uma moradia adequada. A posição contrária ao mesmo, liderada pelos Estados Unidos e acompanhada pelo Japão, não anunciaram acordos alentadores. Estabelecido este direito na maioria das constituições dos países latino-americanos e no âmbito da perspectiva de uma integração regional, a ruptura —somando sua discrepância— no continente, foi provocada pela República Federativa do Brasil.

À luz desta desencantada década dos noventa, pretende-se analisar a experiência sem precedentes do movimento cooperativo habitacional no Uruguai desenvolvido a partir do final da década de sessenta, centralizando suas referências nas intervenções abordadas na cidade de Montevideo, encaradas pelo Centro Cooperativista Uruguio, o Instituto de Assistência Técnica que promoveu o sistema e que posteriormente assessorou a metade dos programas.

A partir dessa análise pretende-se levantar elementos a um debate que inclua as políticas habitacionais no âmbito de estratégias urbanas e culturais. Um debate que deve transcender além dos limites nacionais, abordando uma perspectiva regional e ainda planetária e comprometendo a comunidade internacional.

No Uruguai —da mesma maneira que no mundo inteiro— o interesse pela moradia social surge no século XIX a partir da iniciativa privada, tanto como proposta de especulação imobiliária (os cortiços, o Projeto do Falanstério de Montevideo nunca realizado e os Bairros Reus), como atitude filantrópica (Habitagens de Rossell e Rius), ou como programas que companhias industriais criaram para seus trabalhadores (Bairro Peñanol). O Estado abordou tentativas isoladas e parciais desde 1912 até que em 1937 cria-se o Instituto Nacional de Viviendas Econômicas (INVE) e em 1947, o departamento financeiro da Habitação do Banco Hipotecário. Somente na década de sessenta será possível estabelecer um marco jurídico, de crédito e institucional, proporcionando eficientes e inéditos instrumentos para abordar a gestão habitacional.





Cutsa 9. Pátio Central



Cutsa 9. Frente

### Montevideo 1995: o desenho invisível de uma baía

Mais da metade da produtividade da República Oriental do Uruguai concentra-se na sua capital, em San Felipe e Santiago de Montevideo, implantada sobre a beira da baía, delimitada por uma península e uma montanha, onde desaguam águas plácidas de córregos contaminados. Quinze por cento de seus lares carecem das necessidades básicas. 150.000 árvores dão sombra a suas ruas e avenidas e a área de parques e espaços verdes reflorestados chegam a 7.000 hectares; 80 por cento de seu plano urbano possui saneamento e quatro shoppings abastecem a uma porcentagem sensivelmente menor do que o total de um milhão e trezentos mil habitantes que ali residem: quase a metade da população nacional. O déficit habitacional chega a quase dez por cento, o analfabetismo a 2,3% e a esperança de vida ao nascer a 72 anos. A taxa de crescimento mal chega a 0,054%. A costa de Montevideo está freqüentemente afetada pelos fortes ventos dos pampas do sul, e os ceibos de flores vermelhas, sobrevivendo a eles, assumem tamanhos atarracados singulares.

A qualidade de vida de Montevideo é uma das mais altas das cidades da América Latina, porém o número de seus assentamentos precários chega a 195 núcleos. Um recente processo de descentralização política do governo da cidade permite a seus cidadãos discutir seus planos estratégicos e o orçamento da cidade. O perfume das glicínias difunde-se pelas ruas e praças na primavera.

### A habitação: um território pendente

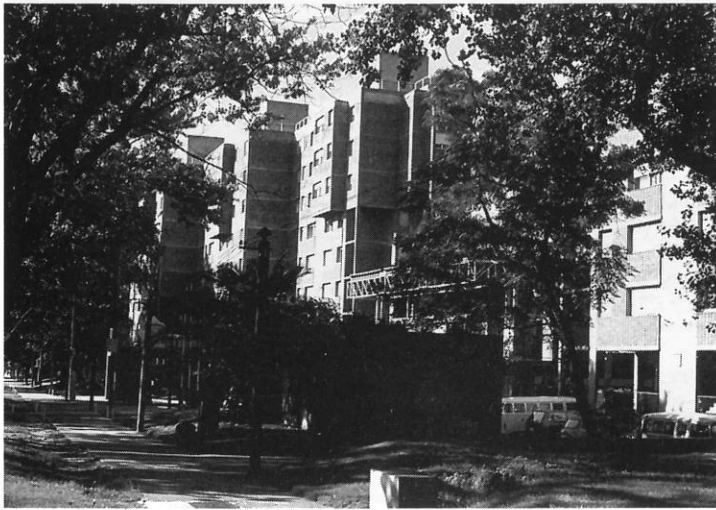
Quando em 1968, o arquiteto e então Senador da República, Juan Pablo Terra, concebeu a Lei Nacional de Habitação votada pelo parlamento no ano seguinte, estava consciente da imperiosa necessidade de estabelecer ao mesmo tempo uma Lei Nacional de Urbanismo. Esta, submetida a uma consideração parlamentar no mesmo ano da ascensão do governo de fato no Uruguai, perdeu seu efeito e nunca mais voltou a ser discutida.

Em 1972, o Centro Cooperativista Uruguai, num folheto divulgador de suas experiências, inclui tanto um mapa do país, com a localização das experiências, como um plano municipal, com as intervenções para o caso da cidade de Montevideo. Hoje, em 1995, quaisquer das instituições estatais, tanto nacionais como municipais (Direção Nacional de Habitação do Ministério de Habitação, Planejamento Territorial e Meio Ambiente e Prefeitura Municipal de Montevideo) como o citado instituto, passaram a ter um material gráfico que permite facilmente visualizar as intervenções habitacionais nos territórios correspondentes. Gonzalo Murel, arquiteto e Assessor Local do Serviço Integral de Acesso à Habitação, do Ministério da Habitação, Meio Ambiente e Planejamento Territorial admite que "o território não existe, os planos habitacionais são feitos abstratamente".

Uma das observações que se fazem ao movimento cooperativista dos anos 60 e 70 é exatamente sobre suas dificuldades para em conseguir relações adequadas com a malha urbana existente. Hoje, estará ocorrendo algum progresso no sentido de melhorar este aspecto, o da ausência de uma dimensão territorial nos planos e nas realizações dos conjuntos habitacionais?

### Montevideo 1968: o desenho de pessoas percorrendo caminhos

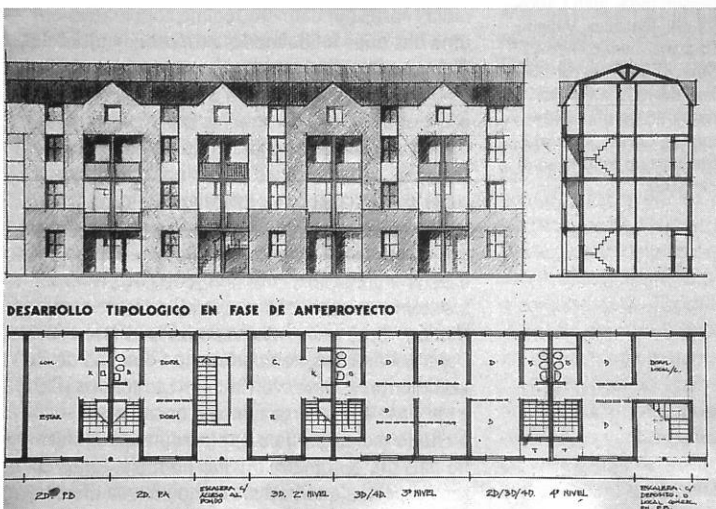
A chamada geração de 68 no nosso país viveu com algumas particularidades as mesmas questões dos movimentos políticos latino-americanos e do maio francês. No parlamento discutia-se uma Lei Nacional de Habitação; nas ruas os estudantes queimavam ônibus protestando contra o aumento das passagens, foram reprimidos e Liber Arce, Susana Pintos e Hugo de los Santos foram as primeiras vítimas. O Movimento de Libertação Nacional Tupamaros tomou a cidade de Pando, simulando um cortejo fúnebre que levava as armas dentro do caixão, e a música e os filmes dos Beatles percorriam Montevideo de ponta a ponta. O teatro independente ensaiava Libertad Libertad com o elenco do teatro El Galpón, os roqueiros de Montevideo começavam a cantar em espanhol e o semanário *Marcha* organizava seus festivais de cinema, exibindo *Me gustan los estudiantes*, realizado clandestinamente por Mario Handler com um grupo da Universidade voltado para a filmagem de insetos. Por sua vez, os artistas do Dibujazo traçavam linhas de liberdade no ar, enquanto os sindicatos nas ruas manifestavam: "Trabalhadores e estudantes, unidos e adiante". Marta e "Chaco" tinham que dividir seu tempo entre todas essas atividades, seus estudos na Faculdade de Arquitetura e seus compromissos com a moradia de interesse social, percorrendo o sistema cooperativo habitacional, no contexto de uma sociedade hiper-integrada, dessa maneira suscitadamente descrita.



Complexo Boulevard.  
332 unidades, arquitetos  
Sprechmann, Viglicca,  
Villamil e Bascans

Conjunto Intercoope-  
rativo: Mesa 2.  
Conjunto sem contexto  
urbano. 381 unidades

Covfi. 50 unidades.  
Inserções corretas das  
soluções de alta  
densidade no contexto  
urbano, arquiteto  
Mario Spallanzani, 1971



Covigoes. Obra nova,  
plantas e fachadas



Covigoes. Reciclagem e  
Obra Nova, 37 unidades,  
equipe técnica Hacer de  
Sur, 1992

### O cooperativismo habitacional: uma canção conhecida se musicaliza

Em 1966, um empréstimo do BID possibilitou no Uruguai as experiências-piloto de cooperativas habitacionais realizadas pelo sistema de mutirão, viabilizando assim uma modalidade de gestão na área habitacional que se fixaria e se estenderia por todo o país, com uma eficácia e a uma velocidade inédita no meio. Em 1990, a mesma instituição financeira internacional exigia a eliminação desse sistema entre as linhas de crédito de um fundo habitacional que um incipiente Ministério de Habitação, Planejamento Territorial e Meio Ambiente, pretendia conformar. A comunidade financeira internacional estabelecia assim no país uma tendência que se confirma de maneira crescente no mundo inteiro nessa década pós-moderna, a clara prioridade, nos programas habitacionais, para os créditos individuais frente aos coletivos. A não concessão do caráter de direito humano ao direito à moradia por parte dos Estados Unidos, na citada conferência preparatória de Habitat II em Nova York, explica-se também no contexto dessa tendência: os países ricos negam-se a comprometer parte de seus orçamentos na cooperação internacional nesse assunto.

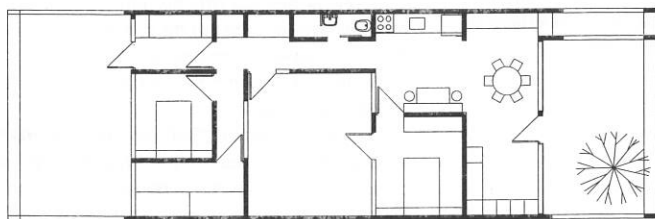
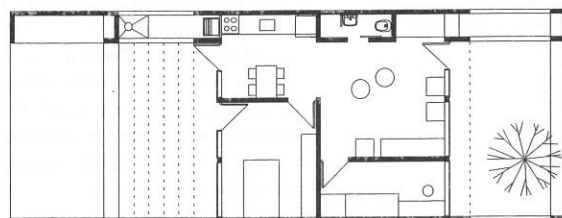
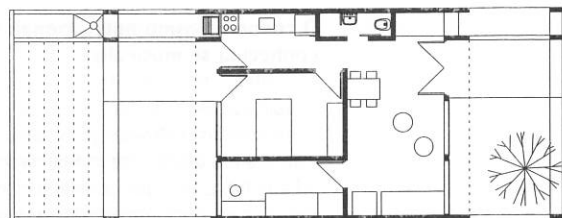
Quando no ano de 1968 discute-se e finalmente aprova-se no Uruguai uma Lei Nacional de Habitação, a avaliação positiva daquelas experiências-piloto possibilitaram a inclusão daquela modalidade como um capítulo a mais, entre as diversas modalidades de gestão que eram propostas, considerando-a contudo como uma experiência pontual e sem muitas expectativas. Superadas as dificuldades iniciais próprias de uma nova modalidade (incluindo a desconfiança dos próprios interessados e alguns setores acadêmicos e políticos de esquerda por causas "ideológicas"), em 1975 um em cada dois empréstimos solicitados ao Banco Hipotecário do Uruguai para a construção de mo-



Cooperativa Covine 8.  
Alternativas de tipologias



Cooperativa Covine 8.  
Espaços de transição e  
muretas: constantes de  
desenho



Estudo de tipologia para cooperativas de recursos menores, com o objetivo de máxima economia, sistematização construtiva, infraestrutura mínima, flexibilidade no esquema de serviços, crescimento e diversificação da tipologia

2  
A equipe promotora dessa iniciativa esteve integrada pelos arquitetos Saúl Irujeta e Miguel Cecillo.

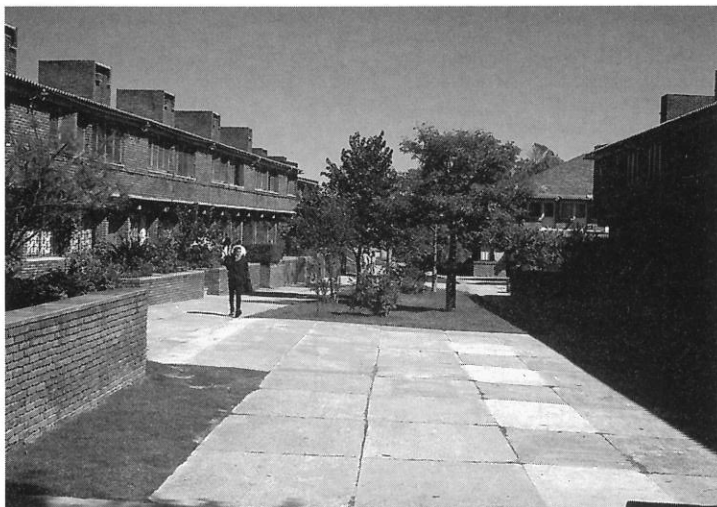
3  
Entre os arquitetos que integraram o Setor Habitação, na área do projeto, ou que trabalharam contratados em determinados programas podem ser citados adicionalmente — ainda que correndo o risco de algum esquecimento— alguns nomes: Mariano Arana, Ana Gravina, Nelson Inda, Juan Carlos Vanini, Viglicca, Villamil, Bascans, Livni e Thomas Sprechman. A partir do ano de 1975 a equipe reduz-se significativamente. Cecilio, Couriel e Spallanzani renunciaram em 1991

radias correspondiam ao regime cooperativo em uma das duas modalidades propostas: mutirão e financiamento.

O Centro Cooperativista Uruguiaio, a instituição que tinha promovido aquelas experiências-piloto, tinha sido fundado no princípio da década de sessenta, na conjuntura de um país que tentava superar, mediante uma estratégia de caráter desenvolvimentista, a crise econômica surgida em fins dos anos cinquenta. Em 1965, decide-se criar o Setor Habitação<sup>2</sup>, com o objetivo de promover o sistema de produção cooperativa nesse campo. Nesse mesmo ano é aprovado o Plano Nacional de Desenvolvimento elaborado pela Comissão de Investimentos e Desenvolvimento Econômico (CIDE) e em base a seus orçamentos concretiza-se o citado marco jurídico que permite inaugurar no país um fenômeno inédito no meio, tanto em seus aspectos qualitativos como em sua dimensão: um tipo de "boom do cooperativismo habitacional" que se desenvolverá nos últimos anos da década de 60 até meados de 70.

O arquiteto Mario Spallanzani, um dos integrantes daquela equipe pioneira, será o único que continuará por mais de 25 anos. "Foi um empréstimo do BID que estava 'disponível', como acontecia às vezes com o dinheiro que o Estado recebia emprestado, e que se não era utilizado perdia-se, e que permitiu-nos experimentar o sistema. Todos os empréstimos do BID precisavam de uma contrapartida uruguiaia e como esta era sempre difícil de ser conseguida em dinheiro, com o duplo objetivo de resolver esta situação, e baixar custos, tivemos a idéia de propor a contrapartida do mutirão. Tínhamos referências nórdicas sobre o sistema cooperativo, porém o mutirão em si foi uma invenção local."

A nova organização implicou na simbiose de uma forma organizativa, a cooperativa, e uma forma de trabalho, a construção por mutirão: uma associação de famílias que frente à necessidade comum de moradia juntam o esforço e a iniciativa de todos os seus membros para solucioná-la de forma conjunta.



Cooperativa Covine 8.  
Espaço comum

Cooperativa Covine 8.  
Planta do conjunto, 50  
unidades, arquiteta Marta  
Cecilio, 1982. Selecionado  
no Segundo Concurso de  
Obra Construída (1980-  
1992) convocado pela  
Sociedade de Arquitetos  
do Uruguai. Integra  
exposição itinerante de  
arquitetura no Uruguai



A experiência teve a virtude de recorrer a uma tradição de autoconstrutores (tradição por outro lado muito latino-americana), alimentada particularmente em nosso país por um grande contingente de mão-de-obra disponível, muitas vezes até mesmo especializada, formada por sucessivas levas de imigrantes espanhóis e italianos, e que tinha edificado setores de muitas cidades uruguaias e particularmente Montevideo. A crise econômica do país nos anos 50 aprofundada na década de 60, também afetou esses "autoconstrutores", sendo-lhes impossível sozinhos entrarem na aventura de levantar um teto. A esta experiência soma-se a tradição rica das organizações populares no país, particularmente a dos sindicatos de trabalhadores. A sólida trama social constituiu uma plataforma muito firme que garantiu a viabilização e os inéditos resultados da experiência.

A Lei Nacional de Habitação, constituirá um marco jurídico de particular relevância no mapa regional latino-americano. O mesmo apóia-se em princípios de caráter programático tais como o direito que tem toda a família, quaisquer que sejam seus recursos econômicos, de ter acesso a uma moradia adequada e o princípio que confere ao Estado a responsabilidade de criar condições para que este direito seja efetivado. Isso supõe uma política planejada, integrada nos planos de desenvolvimento geral do país, que outorgue preferência aos grupos de recursos escassos, mas que englobe o conjunto do problema, chamando todos os organismos de direito público de algum modo vinculados ao tema, para cooperar. A lei estabelece portanto um mecanismo preparado para que possa durar fundamentalmente vários decênios, e seja capaz de operar com cifras diferentes em condições diferentes e com distribuição diversa dos recursos. A fixação das metas concretas e as políticas para cada período devem estar claras em planos elaborados pelas repartições técnicas do governo e remetidas ao parlamento, devendo estes planos serem completados por planos anuais de ajuste e estabelecimento de tarefas para cumprir todo ano.

### Manutenção de imagens e desencontros aparentes

Será dentro de uma postura crítica em relação à cidade funcional dos CIAM abordada pelo Team X —ideologia predominante na década de 60 em nosso país— e dentro do marco dos postulados também modernos e "sessentistas" referidos ao compromisso social do profissional conformados no Uruguai de 1960 através da Lei Orgânica da Universidade e da discussão do Plano de Estudos da Faculdade de Arquitetura, que será estruturada a conjuntura profissional e ideológico-projetual capaz de permitir a busca de soluções alternativas ao problema da moradia de interesse social.

A ideologia do Team X, ainda como reação à doutrina dos CIAM, evidenciou entretanto em suas realizações contradições similares, ainda no âmbito de visões reais de caráter antropológico em suas teorias, como os conceitos de identidade e de associação, noções alternativas em respeito aos tradicionais valores de higiene e zoneamento funcional. A intenção de integrar-se à cidade pré-existente, descartando o desenho de uma cidade ideal, acaba chegando em um utopismo similar. Ambas plataformas constituem em muitos aspectos duas formalizações diferentes de um mesmo projeto moderno como atitude. Os CIAM eliminarão a rua e a praça das cidades tradicionais e, ignorando pré-existências, buscando estabelecer necessidades universais e racionais, propondo a standardização, como premissa para as colaborações de tipologias de moradia que satisfizeriam necessidades básicas com os mínimos elementos.

Por outro lado, o Team X, assim como pretende inserir-se e respeitar a cidade existente, reelaborando nos conjuntos habitacionais as ruas e praças

tradicionalmente urbanas, as concretizações dessas intenções se transformarão em verdadeiras cidades autônomas, alheias à complexa malha da cidade contemporânea. Tendo formalizações diferentes, abandonando a linguagem dos quarteirões isolados, como o conjunto contínuo de Golden Lane, será impossível evitar o resultado de espaços desertos e sem uso algum, ainda que pensados para serem intensamente usados. O ponto de vista em comum continuará sendo o interesse pelo homem e o compromisso social. Um homem com necessidades universais para uns, um homem com necessidades próprias de uma determinada cultura para outros.

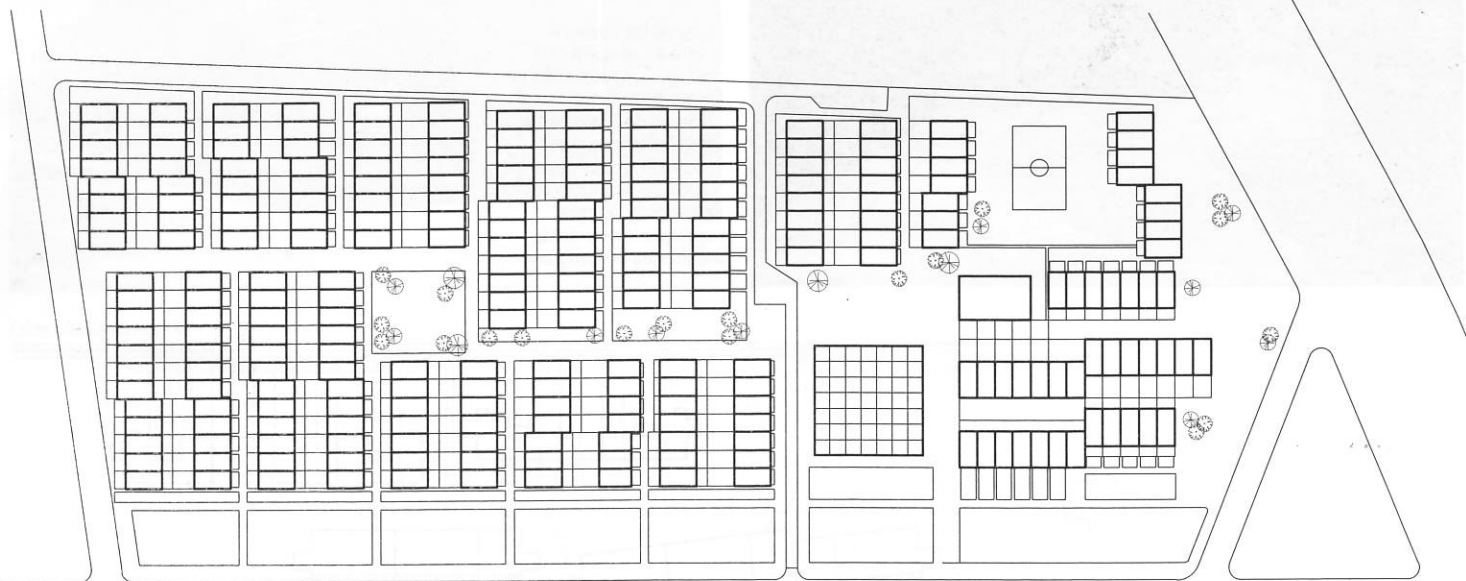
A década de sessenta foi também a década da geração do anonimato em muitos campos da criatividade e muitas das realizações do movimento cooperativista foram sepultadas debaixo da sigla de seus institutos de assistência técnica e resultam em obras socialmente anônimas. Entretanto, existem autores que tiveram um papel chave na viabilização dessa experiência. A necessidade de estudar sistemas de construção que se adaptaram a uma autoconstrução organizada, resultou em significativas doses de criatividade e imaginação por parte de seus projetistas. O estudo de arquitetos silenciosos como Mario Spallanzani e outros, como Rafael Lorente Mourelle<sup>3</sup>, assim como do empenho de outras gerações ligeiramente mais jovens que acreditaram no sistema e se comprometeram com ele para estudá-lo e aperfeiçoá-lo, como os arquitetos Marta Cecilio e Jack Couriel, nos levam a nomes que seria importante destacar, como resposta a uma época que considerou como necessidade ética (hoje muito discutível) o ocultamento dos nomes próprios.

Podemos distinguir três períodos: o período da gestação, invenção, primeiras realizações e apogeu (1966-1975); o período de transição e de revisão crítica de alguns postulados (1975-1990) e, finalmente, o período atual, dos anos noventa.

Conjunto Intercooperativo: Mesa 3. Planta de Conjunto, 257 unidades, 1971

Conjunto Intercooperativo: Mesa 3. Espaços de transição e espaços comuns eram mais importantes que sua relação com o entorno. Constatase a apropriação do usuário na excelente manutenção destes espaços

Conjunto Intercooperativo: Mesa 3. Fachada do conjunto



### Cidades introvertidas e cidades em malha (1965-1975)

Será a positiva avaliação realizada a partir de três experiências-piloto de cooperativas de mutirão de pequeno porte e baixa densidade realizadas no interior da República<sup>4</sup> que possibilitará à gestão posterior de um fenômeno macro. A experiência deu certo porque tinha reunido tradições, materiais e procedimentos vinculados ao lugar e ao meio e a uma conjuntura e deixou portanto uma marca profunda no imaginário popular da moradia de interesse social no Uruguai, e particularmente em Montevideo, gerando influências em regiões vizinhas do continente, como a experiência de habitação social em São Paulo, entre 1989 e 1993.

Naquelas primeiras experiências, já vislumbravam-se os elementos que caracterizarão o desenvolvimento do processo posterior: a criação de espaços comuns, a definição e o desenho de todos os elementos do espaço exterior, o estudo de tipologias de acordo com as necessidades e modos de vida do usuário e uma adequada pesquisa e criação de tecnologias apropriadas a tradições do lugar e à modalidade do mutirão que se aprofundarão ao longo do tempo.

Na cidade de Montevideo serão abordados nessa primeira etapa programas de médio e grande porte, nas duas modalidades, de "mutirão" e de "financiamento". As primeiras se localizarão em zonas suburbanas com resoluções de baixa densidade, e as segundas, em zonas urbanas com soluções fundamentalmente de alta densidade.

Diante da ausência total de uma política urbana e de uma estratégia fundiária destinadas à implantação da moradia, a localização dos conjuntos aconteceu com os prédios dispostos, pode-se dizer,

ao acaso. Contudo, as localizações naquelas zonas suburbanas, com carências em serviços e infraestrutura, não podem ser encaradas como as piores, sobretudo se comparadas às dos atuais programas de moradia de interesse social, já que algumas daquelas conseguiram inserir-se muito próximas a interessantes centros periféricos existentes (Mesa 2 em Peñarol e Mesa 3 em Colón).

### Tipologias e Tecnologias

Uma das aplicações mais significativas do movimento foram as elaborações de tipologias que partiram das necessidades do usuário, introduzindo elementos inovadores na história do projeto da moradia social, como a dupla orientação e sua flexibilidade, a determinação de um espaço frontal de transição em relação à rua, o espaço do fundo vinculado à cozinha para o caso de moradias ao nível da rua, assim como o espaço comum de estar e copa. Estas tipologias levaram em conta o crescimento e foram elaboradas em seus variantes de planta baixa e dois níveis, possibilitando a introdução de comércio.

Por outro lado, a tecnologia do mutirão utilizada implicou em abordar "pré-fabricações

artesanais" (pré-fabricação de lajes de tijolo para os fechamentos horizontais) combinadas com pré-fabricações industriais de alguns outros elementos de manipulação e colocação artesanal, como os vigamentos de concreto para portas e janelas. O tijolo como material básico de construção e de revestimento tem permitido uma ótima manutenção da imagem dos conjuntos ao longo do tempo. Assim, os jardins frontais propostos ligaram-se também a alguns antecedentes de conjuntos de moradia de interesse social, tanto do século passado (bairros de habitação para trabalhadores da ferrovia, construídos pela companhia inglesa correspondente) como do século XX.

### Legibilidade e apropriações

O desenho de ruas internas e muretas delimitando os jardins frontais, estudados com a mesma intensidade que os espaços tradicional e exclusivamente "próprios" da moradia, constituíram elementos que deram visibilidade e legibilidade aos conjuntos, possibilitando a apropriação e a manutenção destes espaços por parte do usuário. Marta Cecilio recorda as intensas discussões para manter no orçamento esses elementos de projeto.

### Imagens

A disposição das habitações em formas longitundinais, conformaram espaços comuns como parte do programa do conjunto: ruas, praças, salões de múltiplo uso, serviços comuns e oportunamente serviços comerciais. Tanto em zonas urbanas como nas suburbanas, a implantação do desenho de "cidades dentro da cidade" foi uma constante, em ambas modalidades. Boas resoluções foram obtidas em zonas centrais da cidade (Complexo Boulevard, Cooperativa de Economia e Crédito). A imagem dos conjuntos nas áreas suburbanas e nas realizações por Mutirão, com soluções de habitação de baixa densidade, mostraram, particularmente nos programas de grande porte, uma maior dificuldade em relação ao entorno. Dado que não houve neste



Tipologia de conjuntos de alta densidade. O sistema proposto organiza as unidades em relação às circulações horizontais a cada três níveis, com as unidades duplex



4  
Constituiu-se em três experiências abordadas em Salto, Fray Bento e Isla Mala (25 de Maio, Êxodo de Artigas 1 e 2. Cooperativas constituídas por 25 a 30 habitações.)

5  
Jack Couriel **Arquitectura desde la periferia**, 1 y 2. Conferências na Faculdade de Arquitetura, outubro de 1995.

6  
O Grupo de Estudos Urbanos (GEU) constituiu-se por arquitetos e estudantes a partir de 1980. Abordou uma gestão de promoção do patrimônio arquitetônico e urbanístico da cidade, conjuntamente com trabalhos de pesquisa. O organizador e coordenador do grupo foi o arquiteto Mariano Arana, hoje prefeito da cidade de Montevideo. Atualmente o grupo continua abordando pesquisas de caráter mais pontual (Revitalização do Bairro Sul de Montevideo, 1991-1992) participando de seminários e encontros. Muitos de seus integrantes têm responsabilidades em diferentes áreas da Faculdade de Arquitetura e em algumas áreas da gestão da cidade.

primeiro momento o estudo de variedades tipológicas, as disposições longitudinais das habitações, ainda conformando quarteirões, geraram contudo quarteirões sem atributos urbanos, ao constituir quarteirões com frente mas com as laterais cegas que confrontavam a malha urbana. Eram mais importantes os espaços comuns da cooperativa para si do que a sua relação com o bairro. Os quarteirões resultantes tinham então, como os blocos CIAM, frente, mas suas laterais eram cegas.

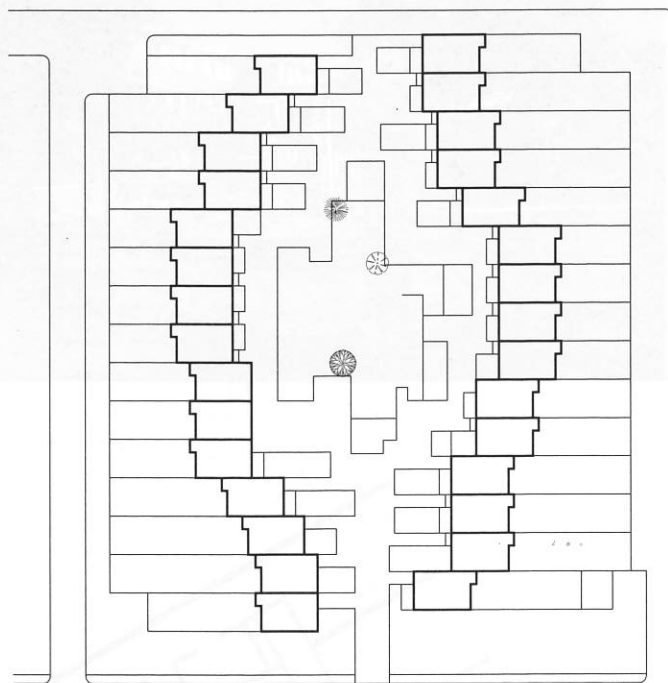
Os conjuntos de baixa densidade e de grande porte resultam, muitas vezes, numa imagem de monotonia carente dos atributos urbanos de uma cidade variavelmente entrelaçada, conformando mais um "célula de cidade" em si própria. De todas as maneiras, nessas mesmas zonas suburbanas, dado o forte caráter desses conjuntos, podem ser considerados como pontos de referência para o entorno e geradores de outras leituras em seus arredores: atributos possíveis de potencialização em processos futuros.

De modo sintético Jack Couriel conclui que "...para mim existem três movimentos paradigmáticos, exemplos de empreendimentos culturais que cumprem simultaneamente um empreendimento modernizador e de desenvolvimento nacional autônomo: o caso do Muralismo mexicano abordado por Siqueiros, Diego Rivera e Orozco entre as décadas de 20 e 40; o cinema do neorealismo italiano surgido no período do segundo pós-guerra e finalmente algumas experiências do cooperativismo de moradia em mutirão no Uruguai. Todos têm algo em comum: a maneira como encaram criativamente os fundamentos específicos em cada disciplina, como os protagonistas expressam um compromisso social que incorpora um projeto transformador e, finalmente, como cada um deles consegue chegar a um nível de comunicação relevante com as pessoas..."<sup>5</sup>



Cooperativa Covimt 1  
Acesso e espaço comum.  
Há 27 anos de sua construção, a apropriação do usuário e a manutenção dos materiais é excelente

Cooperativa Covimt 1.  
Planta de Conjunto. 30 unidades, arquiteto Mario Spallanzani, 1969



### Buscando alternativas (1975-1990)

O segundo período corresponde à transição durante a ditadura militar implantada em junho de 1973. Em 1975, é cortada a linha de crédito e são fechados os Institutos de Assistência Técnica (O CCU será mantido trabalhando com os programas que tinha começado). Tendo chegado ao seu momento culminante começa abruptamente a declinar a experiência cooperativista. As cooperativas construídas passam assim, durante este período, a constituir movimentos de resistência e a Federação da Moradia de Cooperativas de Mutirão lidera um dos movimentos sociais mais significativos e importantes de oposição ao regime de fato.

Será contudo nesse período que algumas pautas de projeto começarão a ser analisadas por uma equipe do Setor Habitação do Centro Cooperativista Uruguaio<sup>6</sup>, sendo abordada uma pesquisa exaustiva, da qual tiram-se conclusões relativas a algumas de suas limitações, afirmam-se as conquistas e são pensadas as sugestões e alternativas. Coloca-se o problema da imagem urbana na baixa densidade de grande porte, a relação com a trama pré-existente, assim como o problema da necessidade de estudar diferentes tipologias que contemplem as diferentes localizações das moradias no conjunto. Alguns desses elementos já estão introduzidos na Cooperativa Covicenova e em Covine 8.

O trabalho analítico e as conclusões elaboradas por tal equipe foram apresentados ao Segundo Congresso Nacional de Arquitetos (organizado pela Sociedade de Arquitetos do Uruguai em 1983), já à luz de uma abertura democrática. Este evento tem particular importância pela qualidade dos trabalhos apresentados em relação à temática habitacional, assim como pelo ambiente de esperança com expectativas de uma mudança na opressiva situação social e política que vivia o país, vislumbrando a possibilidade de reivindicar o regime cooperativo e de recuperar o perdido compromisso ("sessentista") do arquiteto com a sociedade.

Aquele estado de ânimo coletivo impregna também outros acontecimentos do começo da década, como o trabalho obstinado que o Grupo de Estudos Urbanos<sup>7</sup> realizou desde 1980, um trabalho de consciência pública sobre o patrimônio urbanístico e arquitetônico, no qual, à sombra do neoliberalismo triunfante, estava sendo arrasado por um "boom" da construção que demolia indiscriminadamente partes da cidade, deteriorando o ambiente urbano.

Dentro desse processo de resistência ao processo depredador, propõe-se pela primeira vez no meio, a reutilização do estoque habitacional existente na cidade, como uma maneira alternativa de enfrentar o problema da moradia. Esta alternativa era favorável não somente em termos de economia urbana —já que aumentava-se o campo habitacional diante do aumento de unidades de moradia nas operações de reciclagem e utilizava-se infraestrutura existente obtendo metragens de construção a custos mais baixos que na nova obra— mas também em termos sociais, já que propunha a possibilidade de manter em áreas centrais da cidade a população de baixa renda ali fixada. Essa hipótese é verificada em uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos Urbanos e também apresentada ao citado Congresso, propondo a redução de custos através do mutirão. Em 1984, as arquitetas Laura Mazzini e Cecilia Lombardo<sup>8</sup>, começam a gestão da "Casa Verde", gestão que apesar de levar seis anos para concretizar o início das obras em 1991, abriu brecha para outras experiências similares.

Outro evento significativo em meados dos anos oitenta, foi a constituição de um concurso (convocado pela Prefeitura Municipal de Montevideo) para reciclar o bairro Reus Sul, um conjunto habitacional do fim do século passado que havia sido parcialmente demolido e seus habitantes (de baixa renda) desalojados no período da ditadura. A iniciativa constituía um reconhecimento das possibilidades de reutilizar o estoque habitacional existente, e o projeto vencedor era a confirmação da nova atitude projetual, sintetizada no reforço da malha urbana existente.

Neste período são também significativos os elementos e novas concepções introduzidas em realizações abordadas pela equipe do CCU na área de outra modalidade de gestão de moradia social: a dos Fundos Sociais. Estas realizações, buscarão francamente vincular-se com a malha urbana, inserir-se em âmbitos respeitando e potencializando pré-existências e abordar e flexibilizar as tipologias.

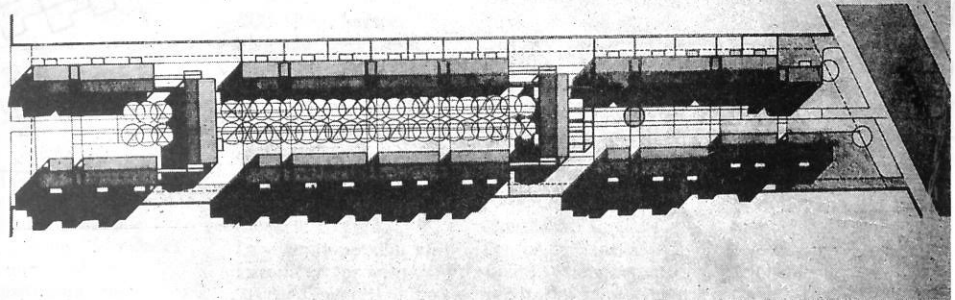
### Campos artificiais e campos reais

Hoje, na pós-moderna e desencantada década dos 90 as condições mudaram a partir de muitos pontos de vista. Com o advento da democracia em 1985 foram acumuladas as expectativas com relação às energias que o Estado investiria na moradia de interesse social, depois de mais de uma década de ditadura e em um momento de crise aguda da economia. As linhas de crédito para as cooperativas foram reabertas, porém nenhuma das duas modalidades, e em particular a dos mutirões, contavam ou contam com os estímulos necessários. A princípio dos 90 entra em cena uma nova instituição executiva: cria-se o Ministério da Habitação, Planejamento Territorial e Meio Ambiente, responsáveis pela instrumentação das políticas de moradia, que por mais de uma década, foram assumidas por um órgão financeiro estadual: o Banco Hipotecário do Uruguai. Por outro lado, o compromisso social do técnico dos anos 60, tem dado lugar à outros "compromissos" e a "especificidade em moradia" não conta com nenhuma valorização por parte do setor dos profissionais. Para os estudantes de arquitetura, pertence ao capítulo de uma história nacional sem interesse. "Dramática é a nossa falta de espaços de discussão. Neste país já não fazemos debates francos, é difícil explicitar as diferenças e possibilitar instâncias de intercâmbio".<sup>9</sup>



Cooperativa Covim 1. Espaço comum e espaços delimitados de transição frente às unidades: uma constante de desenho nos conjuntos cooperativos.

Cutsa. Implantação do Conjunto



Cutsa 6. Espaço comum. Detalhe

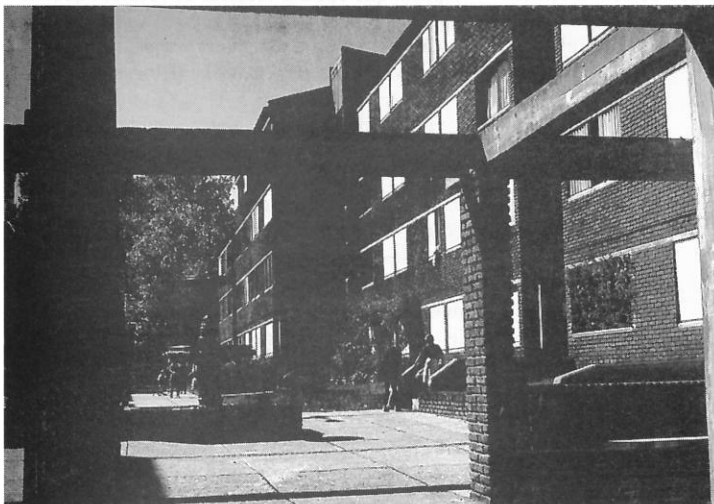


7  
Arquitetos integrantes do GEU. A gestão pretendeu viabilizar as conclusões da pesquisa que tinha sido realizada em 1983. **Propuesta de rehabilitación de antiguas viviendas en la Ciudad Vieja de Montevideo, destinada a la población de bajos recursos allí afincada** apresentada no Segundo Congresso Nacional de Arquitetos do Uruguai

8  
**La imagen de los conjuntos habitacionales de baja altura. La experiencia del CCU Montevideo, 1983.**

Trabalho apresentado ao II Congresso Nacional de Arquitetos do Uruguai (não publicado). Trabalho de pesquisa abordado pelos seguintes integrantes do Setor Habitação: Cecilio, Marta; Gravina, Ana e Spallanzani, Mario (Centro Cooperativista Uruguio, Setor Habitação)

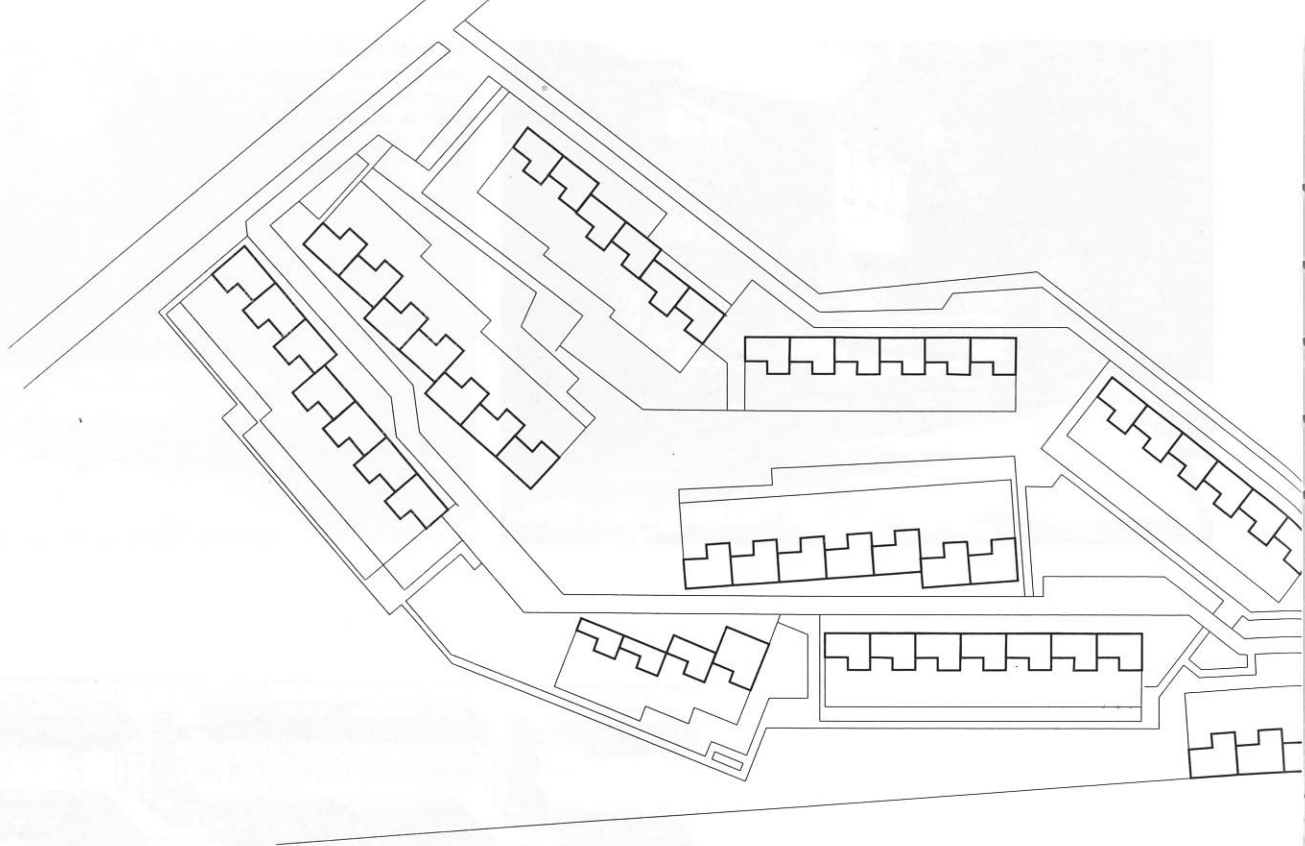
9  
Entrevista com Jack Couriel e Marta Cecilio



Cutsa 4. Espaço comunal

Finalmente a realidade de uma trama social gravemente desconexa e diluída, em contraposição com aquela situação de país "hiperintegrado" dos anos sessenta, desestimula as tentativas de abordar coletivamente a solução de diferentes necessidades sociais, como é, em particular, a problemática da habitação. A redução da atividade industrial, entre outros fatores, obrigou os agentes a buscarem no mercado informal de trabalho e no "emprego múltiplo", a maneira de subsistir. A carência de um salário como também a ausência de hábitos e horários de trabalho e a debilidade das diversas organizações sociais — ainda tão fortes durante a década dos oitenta por exemplo — afetam tanto a tomada de compromissos de trabalho remunerado como o destino de horas de esforço próprio em mutirões. Aquela experiência e esta modalidade, porém, estão muito enraizadas no imaginário popular, mas como em um tipo de aspiração. O trabalho social requer dedicações e exigências da maior intensidade.

Paralelamente a situação habitacional dos setores de baixa renda também requer respostas mais urgentes e o Estado tem recorrido ao desenho dos chamados Núcleos Básicos Evolutivos, de baixo custo e localizados em lugares da cidade sem maior valor, mas onde o custo da terra se apresenta "mais acessível" e o único possível. Para a vereadora Margarita Percovich, "desta forma tem se concentrado espacialmente a pobreza na cidade. Têm-se criado verdadeiros campos de guerra." Os assentamentos precários realizados "voluntária e naturalmente" há anos em algumas zonas da cidade e construídos com suas próprias tecnologias (os chamados Cantegriles no Uruguai, edificados com a utilização de materiais desperdiçados variados: latas, madeiras, etc...), apresentam tramas sociais mais integradas que os assentamentos constituídos de violentas e desconexas tramas sociais que são geradas nos novos conjuntos habitacionais de interesse social, especialmente os chamados Núcleos Básicos Evolutivos.



Mesmo assim recorre-se à busca e à experimentação do uso de novas tecnologias aplicadas em outros meios (chamadas tecnologias alternativas), que prometem não apenas diminuir custos como também simplificar procedimentos construtivos, que facilitem o mutirão.<sup>10</sup> Nenhuma destas intenções, até este momento, têm apresentado resultados satisfatórios, nem do ponto de vista do desenho nem de seus custos. A experimentação de novas tecnologias, requer sempre um tempo de experimentação.

Experimentar estas novas tecnologias justamente com setores de baixa renda seria a coisa mais "ética" a se fazer do ponto de vista profissional? A experiência das tecnologias aplicadas durante o movimento cooperativo parece também pertencer a um capítulo morto da história dos processos construtivos em nosso país.

Além disso, aqueles elementos de definição dos espaços exteriores e facilitadores das apropriações espaciais por parte dos usuários, estão obviamente ausentes como resultado de "redução de custos".

No início da década de noventa, aquelas experiências de habitação social, encaradas nas áreas centrais da cidade —mesmo a nível de experiências-piloto— mediante a reabilitação do estoque existente e construindo nova moradia em terrenos baldios, utilizando o sistema de mutirão nas mais complexas operações de reciclagem —têm dado nos melhores resultados, tanto do ponto de vista do desenho como a partir da ótica social para os grupos de menor renda. A partir daquela experiência inicial de "Casa Verde", foram feitas experiências de igual êxito, mesmo que com outro caráter, como MUJEFA —empreendida por mulheres chefes de família<sup>11</sup>—, experiências de maior envigadura e resultados significativos para a cidade,

como a reciclagem de um setor de um quarteirão localizado na Cidade Velha —Covicivi— e outro na área central da cidade —Covigoes.<sup>12</sup> Todas estas experiências têm percorrido a inovadora modalidade da construção através de mutirão em processos de reciclagem. Mesmo pontuais, estas experiências sugerem alternativas viáveis e de êxito, tanto para a habitação social como para a consolidação da cidade.

#### **Desejos e contas pendentes**

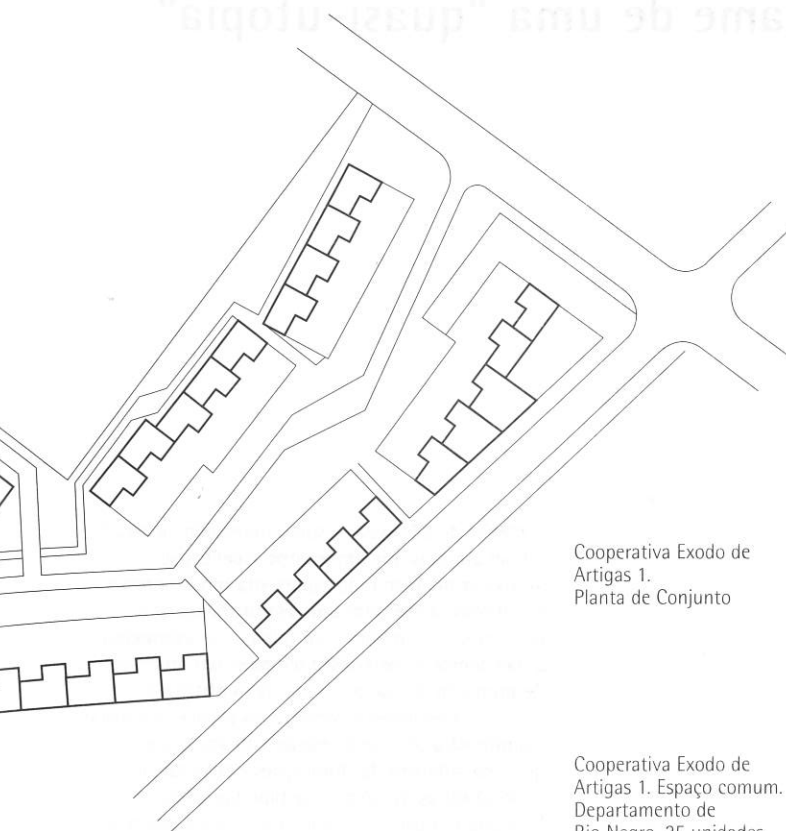
Aparentemente, apenas encaradas no âmbito de um ato real (e de desejo) de construção de cidade, as soluções de moradia poderiam garantir resultados positivos no âmbito de nosso projeto moderno inconcluso.

O direito humano a uma moradia adequada deveria explicitar-se, mesmo em sua especificidade própria, como o direito humano à saúde; indivisível e interdependentemente (de acordo com o caráter de todos os direitos humanos), no âmbito de um direito humano prioritário nestes tempos urbanos,

o direito humano à cidade. Os indicadores urbanos, deveriam mesmo assim somar ao conceito de déficit habitacional, o conceito de déficit de cidade. As pesquisas em torno da temática habitacional deveriam transcender os exaustivos estudos relativos à elaboração de tipologias de superfícies mínimas e núcleos básicos de caráter evolutivo e os achados de tecnologias mágicas.

De Carlo colocava naquele significativo ano de 1968: "...Ao mesmo tempo, temos o direito de perguntar "por que" a moradia deve ser o mais barata possível e não, por exemplo, o mais cara; pois, ao invés de realizar todo tipo de esforços para reduzi-la aos mínimos níveis de superfície, de espessura e de materiais nunca tentamos fazê-la espaçosa, protegida, isolada, confortável, bem equipada, rica em oportunidades para a intimidade, a comunicação, o intercâmbio e a criatividade pessoal. Na realidade ninguém pode ficar satisfeito com uma resposta que apela à escassez de recursos quando sabemos quanto se gasta em guerras, na construção de mísseis e sistemas antibalísticos, em projetos espaciais, na invenção de necessidades artificiais..."<sup>13</sup>

Fernando Viviescas,<sup>14</sup> jovem arquiteto colombiano, coloca que as cidades teriam que ser ambicionadas e desejadas profundamente: "... Não basta a racionalidade do plano que pretende "corrigi-las"; os discursos inteligentes, porém vazios, que pretendem desconhecer a intuição e o mistério, isto é, a complexidade, se perdem no meio do caminho [...] Os povos têm suas cidades de acordo com a sua capacidade de desejá-las. Porque elas fazem parte do imaginário coletivo que move a sociedade: elas marcam seu horizonte reivindicativo".



Cooperativa Exodo de Artigas 1. Planta de Conjunto

Cooperativa Exodo de Artigas 1. Espaço comum. Departamento de Rio Negro, 25 unidades, arquiteto Mario Spallanzani, 1967



**Bibliografia**

Bocchiardo, Lidia **Las viviendas de Rossell y Rius** Instituto de História da Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Documento, Montevideo, 1977

Bonduki, Nabil **Arquitetura e Habitação Social em São Paulo**. 1989-1992 São Paulo, 1993

Boronat, Yolanda; Risso, Marta **La vivienda de interés social en el Uruguay: 1970-1983** Fundação de Cultura Universitária, Montevideo, 1992  
 Caetano, Gerardo; Rilla, José **Historia Contemporânea del Uruguay** Editorial Fin de Siglo, Montevideo, 1994

**CCU 1972. Sector Vivienda** Publicación CCU, Montevideo, 1972

Chucca Goitia, Fernando **Breve Historia del Urbanismo** Alianza Editorial, Madrid, 1968

Garabelli, Lorenzo **La vivienda popular en Europa en los años 20 y 30** Fundação de Cultura Universitária. Montevideo, 1993

**Lei Nacional de Habitação** Lei nº 13.728. Dez 1968 e Lei nº 16.237 (Substitui artigos da lei nº 13.728)

Lombardo Cecilia e Mazzini, Laura (Grupo de Estudos Urbanos) **Experiencia Piloto 'Casa Verde' en el Barrio Sur de Montevideo (1984-1991)** Trabalho apresentado no Encontro de Buenos Aires (não publicado) Montevideo, 1991

Nahum, Benjamin, Eng (Centro Cooperativista Uruguaio. Setor Habitação). **El Cooperativismo de Ayuda Mutua en el Uruguay**: Una alternativa popular y autogestionaria de solución al problema de la vivienda  
 Trabalho menção honrosa no Primeiro Concurso Ibero-Americano de Informes da construção organizado pelo Instituto Eduardo Torroja (não publicado), Montevideo, 1983

Prefeitura Municipal de Montevideo, Unidade Central de Planejamento **Montevideo en Cifras** Montevideo, 1995

Prefeitura Municipal de Montevideo, Unidade Central de Planejamento, **División Planeamiento Territorial Montevideo. Visión de Ciudad** Montevideo 1994

Terra, Juan Pablo **La Vivienda Fasciculos de Nuestra Tierra** Montevideo, 1969

Viviescas, Jose Fernando: **El ciudadano y la calidad del espacio** en publicación *Foro Económico: Formar una Ciudad*. Santafé de Bogota. 1995

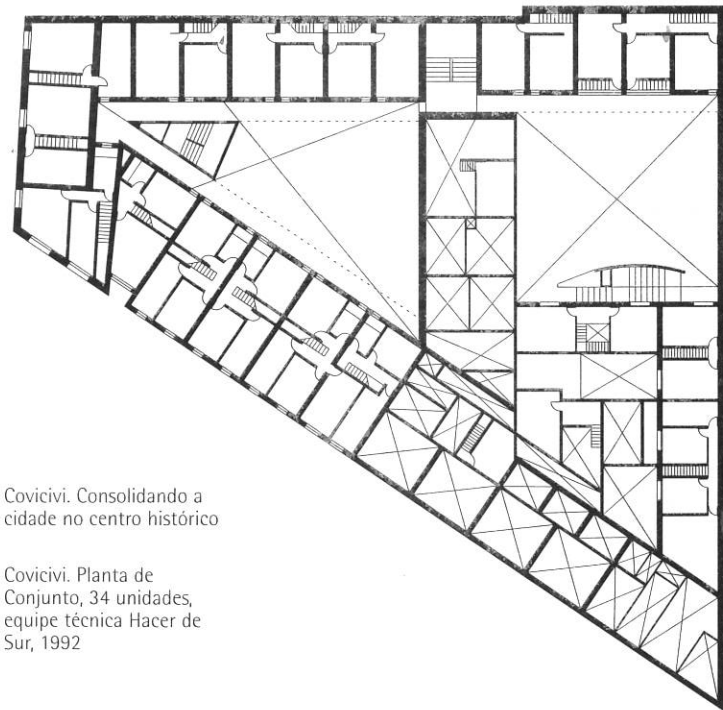
10 Trata-se de algumas experiências abordadas por convênio entre a Prefeitura Municipal de Montevideo e Institutos de Assistência Técnica

11 Cooperativa MUJEFA. IMM. 12 habitações. Cidade velha. Assessoria técnica: Arq. Charra Furman

12 Cooperativa COVICIVI. IMM (34 habitações na cidade velha) e Cooperativa CÔVIGONES (37 habitações no bairro Goes de Montevideo). Assessoria técnica: Instituto de Assistência técnica: HACER DESUR. Equipe integrada por Valles, Raul; Ibarra, Luis; Muttoni, Ricardo; Mazzeo, Jose Luis e Ubilla, Ana entre outros

13 De Carlo, citado em Kenneth Frampton **História crítica de la arquitectura moderna** Editorial Gustavo Gilli, Barcelona, 1981, p 282

14 Jose Fernando Viviescas **El ciudadano y la calidad del espacio in Formar una Ciudad Forum Económico**, Santafé de Bogotã, out 1995. Viviescas é arquiteto e professor associado do Magistério em Urbanística da Universidade Nacional de Colômbia



Covicivi. Consolidando a cidade no centro histórico

Covicivi. Planta de Conjunto, 34 unidades, equipe técnica Hacer de Sur, 1992